

ENTREVISTA

Pedro Afonso

“Estou convencido de que a generalidade dos médicos está contra a eutanásia, pois o médico é ensinado para estar sempre do lado da vida”



FOTO JOSÉ CARLOS CARVALHO

A procura médica deixa de ser necessária para mudar de género – e passa a ser possível fazê-lo aos 16 anos. A lei foi aprovada recentemente, mas para Pedro Afonso, presidente da Associação dos Médicos Católicos Portugueses, “não faz qualquer sentido expulsar a medicina do acompanhamento destes casos”. Em entrevista ao Expresso, fala também da eutanásia, dos problemas no Serviço Nacional de Saúde e antecipa o Encontro Nacional de Médicos Católicos

ENTREVISTA **MARTA GONÇALVES**

Para este sábado, está marcado o Encontro Nacional de Médicos Católicos. Quais as questões que vos preocupam e que acham que devem ser debatidas?

Temos três temas fortes para o nosso encontro. O primeiro abordará as dificuldades sentidas pelos médicos na conciliação trabalho-família. Vamos apresentar os resultados de um estudo no qual se expressa uma clara preocupação dos médicos sobre o excesso de carga horária, nomeadamente pelas horas extra excessivas cumpridas nas urgências. Os resultados mostraram que a insatisfação dos médicos na conciliação trabalho-família é maior no sector público face ao privado (73% dos inquiridos deram nota negativa à conciliação, o que nos surpreendeu, pois o Estado deveria dar o exemplo). O segundo grande tema relaciona-se com os desafios na gestão em medicina e no ensino da medicina. Queremos ouvir os alunos de medicina falarem sobre as suas dificuldades, bem como as suas propostas para melhorar o ensino. O último tema forte está relacionado com o médico em missão. Serão dados vários testemunhos de médicos que fazem voluntariado junto dos peregrinos em Fátima, mas também com refugiados.

No Relatório de Atividades e Gestão 2017 da Entidade Reguladora da Saúde é revelado que os utentes fazem, em média, 200 queixas por dia – sobretudo devido aos procedimentos administrativos e os tempos de espera. Isto representa a realidade do que acontece nas unidades de saúde em Portugal?

Revela que existe um clima de grande tensão no sector da saúde. A resposta

do SNS [Serviço Nacional de Saúde] às necessidades dos doentes nem sempre é a melhor, e os tempos de espera elevados são por vezes difíceis de aceitar, sendo fonte de conflitos. Convém sublinhar que médicos, enfermeiros e outros profissionais de saúde são muitas vezes as vítimas de um descontentamento da população. Julgo que, na maioria dos casos, as queixas estão mais relacionadas com decisões políticas que originam ruturas e dificuldades de se prestar um bom serviço às populações. É preciso que as pessoas saibam que os médicos e os enfermeiros também são vítimas de más decisões políticas e do mau funcionamento de alguns serviços. Por último, tenho conhecimento de casos de profissionais de saúde que sofreram queixas injustas e foram inclusivamente alvo de violência física e psicológica pelos utentes. Estas situações levam a que alguns destes profissionais acabem também por desenvolver situações de depressões graves, o que conduz a um aumento do absentismo. Numa palavra: todos se sentem abandonados pelo Estado.





Pedro Afonso, presidente da Associação de Médicos Católicos Portugueses
FOTO DR

Neste momento está a ser discutida uma série de questões (mudança de género, eutanásia, gestação por substituição) que estão diretamente relacionadas com a medicina, no entanto são algo polémicas entre a Igreja. Como é que se faz este equilíbrio entre a ciência e a crença?

É preciso dizer claramente, sem receios ou tibiezas, que não existe incompatibilidade entre ciência e fé na Igreja Católica. Apesar disso, infelizmente nem sempre existe coincidência entre a deontologia e alguma legislação em vigor, como é o caso da lei que permite o aborto. Do mesmo modo, existem muitos médicos que não professam nenhuma religião e que têm uma visão da medicina em termos éticos coincidente com aquela que é proposta pela doutrina da Igreja.

Há um pouco a ideia generalizada de que a ciência e a religião não se misturam. Concorda?

A religião não deve estar em oposição à ciência, mas isso não significa que se possa fazer tudo em nome da ciência. Há obviamente limites éticos e deontológicos que têm de ser respeitados. Por exemplo, considera-se a pessoa humana como o primeiro e mais elevado de todos os valores, sobrepondo-se aos interesses da ciência e da sociedade. Pretende-se, acima de tudo, garantir um perfil ético da prática da medicina inspirado numa ética personalista. Um desses limites é que a vida humana é inviolável; aliás, é o que afirma o artigo 24 da Constituição da República Portuguesa.



Tenho conhecimento de casos de profissionais de saúde que sofreram queixas injustas e foram inclusivamente alvo de violência física e psicológica pelos utentes

Há uns dias, o Parlamento aprovou a lei que permite a mudança de género no registo civil aos 16 anos sem necessidade de recorrer a qualquer relatório médico. A Associação apelou a Marcelo Rebelo de Sousa que vetasse a lei. Porquê?

Esta lei é baseada numa ideologia radical: “a ideologia de género”. Ora, o sexo do indivíduo é definido pelo seu património genético em masculino ou feminino (identidade biológica), embora se reconheça que os fatores sociais e psicológicos (identidade imaterial) possam contribuir para a identidade do sexo. A ideologia do género assenta na conceção de que o género (sexo) é uma construção cultural, um produto da cultura e do pensamento humano, desvinculado da biologia; portanto, esta ideologia opõe-se radicalmente à visão integral da pessoa e da sexualidade humana, para a qual o corpo é parte

integrante da pessoa e não um objeto manipulável pela cultura ou pelas ideologias. As situações de perturbação da identidade sexual, também designadas por “disforia de género”, devem ser avaliadas e tratadas pelos psiquiatras e por outros profissionais de saúde competentes. Não faz nenhum sentido, por decreto e sem qualquer base científica, expulsar a medicina do acompanhamento destes casos. As doenças não se tratam por decreto. Já houve quem o tentasse fazer nos anos 60, influenciado pela corrente antipsiquiatria, e os resultados foram desastrosos para os doentes. Esta lei, inspirada numa ideologia radical, conflitua com a ciência e com a medicina. Só se aprovam leis como esta em sociedades primitivas ou em regimes totalitários.



A ideologia do género assenta na conceção de que o género é uma construção cultural, um produto da cultura e do pensamento humano, desvinculado da biologia

E relativamente à eutanásia? Também muito se tem discutido este assunto, qual é a posição da Associação?

Contrariamente à posição que habitualmente os defensores da lei nos gostam de colocar — a posição de estar “contra” — , nós somos a “favor”; somos a favor da vida humana. Também ao contrário daquilo que tem sido dito, a legalização da eutanásia é um retrocesso civilizacional e não um avanço. Na verdade, ela foi praticada na Grécia e na Roma antiga. Os idosos, os doentes incuráveis e os “cansados de viver” podiam suicidar-se, escolhendo uma “morte honrosa”. A defesa da vida foi em grande parte implementada pelo cristianismo. Portanto, o verdadeiro progresso da humanidade foi no sentido

de criar leis e normas que defendam a vida humana e impeçam o mais forte de exercer o seu poder sobre o mais fraco. Por último, estou convencido de que a generalidade dos médicos está contra a eutanásia, pois o médico é ensinado e formado para tratar a doença, aliviar o sofrimento e estar sempre do lado da vida.

Acredita que eutanásia pode vir a ser legalizada em Portugal?

Espero que não. Se as pessoas perceberem os riscos decorrentes da legalização desta lei, nunca irão aceitá-la. Agora é necessário fazer um esforço maior no sentido de esclarecer a população sobre as consequências gravíssimas da legalização da eutanásia.



Contrariamente à posição que os defensores da lei da eutanásia nos gostam de colocar, nós somos a “favor”; somos a favor da vida humana.

Acha que um tema destes deveria colocado a referendo como aconteceu com interrupção voluntária da gravidez? Porquê?

Pessoalmente, sou absolutamente contra o referendo sobre a eutanásia. Não é porque não seja um democrata, mas acima de tudo porque existem matérias que não devem ser submetidas a referendo. Já alguém imaginou submeter a referendo a legalização da escravatura ou a possibilidade de se referendar uma lei que discriminasse a população em função da orientação sexual ou da cor da pele? É necessário ter a coragem de assumir que há matérias que não são referendáveis; a vida humana é uma delas.

O PS já afastou a possibilidade de realizar um referendo sobre a

matéria, mas quer um projeto para a despenalização da eutanásia até junho. Acha que isso pode acontecer? E se acontecer quais as consequências?

Seria bom que os partidos fossem mais claros sobre estes temas quando se apresentam a eleições. Que seja do meu conhecimento, os maiores partidos portugueses não apresentaram qualquer posição oficial sobre a eutanásia nos seus programas eleitorais. Portanto, não estão mandatados pelos seus

É preciso respeitar as regras
outros assuntos importantes
te dos nossos políticos. No

nosso país há uma obsessão legislativa, quase patológica, sobre temas fraturantes. As pessoas começam a ficar cansadas desta obsessão e mais cedo ou mais tarde vão expressá-lo através do voto.

